

Millenium, 2(Edição Especial Nº16)

pt

FATORES QUE INFLUENCIAM A AMAMENTAÇÃO POR DOIS OU MAIS ANOS: ESTUDO DESCRITIVO
FACTORS THAT INFLUENCE BREASTFEEDING FOR 2 OR MORE YEARS: DESCRIPTIVE STUDY
FACTORES QUE INFLUYEN EN LA LACTANCIA MATERNA DURANTE 2 OU MÁS AÑOS: ESTUDIO DESCRIPTIVO

Sara Soares¹  <https://orcid.org/0009-0001-6468-6449>

Ana Poço^{2,3}  <https://orcid.org/0000-0001-6032-6721>

Júlia Carvalho^{2,3}  <https://orcid.org/0000-0002-4893-7690>

¹ Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra EPE, Coimbra, Portugal

² Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, Portugal

³ Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA:E), Coimbra, Portugal

Sara Soares – sarafilipa.soares@gmail.com | Ana Poço – anapoco@esenfc.pt | Júlia Carvalho – juliacarvalho@esenfc.pt



Autor Correspondente:

Júlia Maria das Neves Carvalho

Rua 5 de Outubro, Polo B
3045-043 – Coimbra - Portugal
juliacarvalho@esenfc.pt

RECEBIDO: 15 de agosto de 2024

REVISTO: 03 de novembro de 2024

ACEITE: 16 de dezembro de 2024

PUBLICADO: 03 de janeiro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

RESUMO

Introdução: A OMS (2018) recomenda que a amamentação seja exclusiva nos primeiros 6 meses de vida, e complemento da diversificação alimentar até aos 2 anos ou mais. Considera-se prolongada se se mantiver após esta idade. Além disso, são amplamente reconhecidos os benefícios da amamentação, sendo tanto mais significativos, quanto maior a duração da amamentação.

Objetivo: Identificar os fatores que influenciam a manutenção da amamentação por 2 ou mais anos.

Métodos: Estudo descritivo-exploratório. O instrumento de colheita de dados foi um questionário, desenvolvido pelas investigadoras, aplicado online entre 1 de abril e 31 de maio de 2022. Foram garantidos todos os procedimentos éticos e formais.

Resultados: A amostra foi constituída por 294 mulheres que amamentaram por mais de 2 anos, maioritariamente entre os 30–39 anos de idade (77,2%), casadas (53,7%) e com formação superior (51,4%). Os fatores que contribuíram para as mulheres amamentarem por 2 ou mais anos foram: conhecimento sobre benefícios da amamentação; motivação materna; e apoio do(a) companheiro(a). Por outro lado, a suspensão foi justificada por: cansaço; desejo materno; idade ou recusa do bebé; e nova gravidez.

Conclusão: Foram identificados fatores que influenciam a amamentação por 2 ou mais anos, permitindo orientar uma prática especializada promotora da amamentação, como preconizado pela Organização Mundial de Saúde.

Palavras-chave: amamentação; amamentação prolongada

ABSTRACT

Introduction: The WHO (2018) recommends that breastfeeding be exclusive for the first 6 months of life, and complementary to dietary diversification until the age of 2 or more. It is considered prolonged if maintained after this age. Furthermore, the benefits of breastfeeding are widely recognized, being more significant the longer the duration of breastfeeding.

Objective: to identify factors influencing the maintenance of breastfeeding for 2 or more years.

Methods: descriptive-exploratory study. The data collection instrument was a questionnaire, developed by the researchers, applied online between April 1 and May 31, 2022. All ethical and formal procedures were guaranteed.

Results: The sample consisted of 294 women who breastfed for more than 2 years, mostly between 30–39 years of age (77.2%), married (53.7%) and with higher education (51.4%). The factors that contributed to women breastfeeding for 2 or more years were: knowledge about the benefits of breastfeeding, maternal motivation and support from a partner. On the other hand, the suspension was justified by: tiredness; maternal desire; baby's age or refusal; and new pregnancy.

Conclusion: Factors that influence breastfeeding for 2 or more years were identified, allowing us to guide a specialized practice that promotes breastfeeding, as recommended by the World Health Organization.

Keywords: breastfeeding; prolonged breastfeeding

RESUMEN

Introducción: La OMS (2018) recomienda que la lactancia materna sea exclusiva durante los primeros 6 meses de vida, y complementaria a la diversificación dietética hasta los 2 años o más. Se considera prolongada si se mantiene después de esta edad. Además, los beneficios de la lactancia materna son ampliamente reconocidos, siendo más significativos cuanto más dura la lactancia materna.

Objetivo: Identificar factores que influyen en el mantenimiento de la lactancia materna durante 2 o más años.

Métodos: Estudio descriptivo-exploratorio. El instrumento de recolección de datos fue un cuestionario, desarrollado por los investigadores, aplicado en línea, entre el 1 de abril y el 31 de mayo de 2022. Se garantizaron todos los procedimientos éticos y formales.

Resultados: La muestra estuvo compuesta por 294 mujeres que amamantaron durante más de 2 años, en su mayoría entre 30 y 39 años (77,2%), casadas (53,7%) y con estudios superiores (51,4%). Los factores que contribuyeron a que las mujeres amamantaran durante 2 o más años fueron: conocimiento sobre los beneficios de la lactancia materna; motivación materna; y apoyo de su pareja. Por otra parte, la suspensión estuvo justificada por: cansancio; deseo materno; la edad o el rechazo del bebé; y nuevo embarazo.

Conclusión: Se identificaron factores que influyen en la lactancia materna durante 2 o más años, lo que nos permite orientar una práctica especializada que promueva la lactancia materna, según lo recomendado por la Organización Mundial de la Salud.

Palabras Clave: lactancia; lactancia materna prolongada

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

INTRODUÇÃO

A amamentação tem evoluído, ao longo dos tempos, de uma necessidade meramente fisiológica para algo que é socialmente esperado (Silva et al., 2021).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a amamentação deve ser exclusiva durante os primeiros 6 meses de vida. A partir desta idade, o lactente deve iniciar a diversificação alimentar como complemento do aleitamento materno (AM) até aos 2 anos de idade ou mais (OMS, 2018).

Contudo, em Portugal, os dados disponíveis demonstram que, apesar de 90,1% das crianças serem amamentadas ao nascimento, apenas 16% a mantêm entre os 13 e os 24 meses. Após os 24 meses, apenas 5,7% das crianças são amamentadas (Rito et al., 2022).

Reconhecendo que o sucesso da amamentação depende de vários fatores, entendemos que esta temática deve ser uma preocupação social, pois os ganhos, quer para as crianças quer para as mães, são evidentes. Exemplo disso são, não só a redução dos custos com os cuidados de saúde e as ausências laborais, mas também os efeitos ambientais resultantes do uso de leites artificiais (Silva, 2021).

Explorando a evidência existente nesta área, facilmente se verifica que estudos sobre os determinantes da interrupção precoce do AM são vastos, mas poucos o abordam em crianças maiores, estando pouco divulgados os fatores envolvidos na manutenção da amamentação por 2 ou mais anos (Cortés-Rúa & Díaz-Grávalos, 2019).

Na literatura consultada, não existe unanimidade relativamente ao conceito de amamentação prolongada. Deste modo, a definição adotada para sustentar o desenvolvimento deste estudo, foi a descrita por Martínez-Poblete & Ossa (2020), que define amamentação prolongada como aquela que se mantém por 2 ou mais anos de idade.

Neste contexto, este estudo pretende identificar os fatores que influenciam a manutenção da amamentação por 2 ou mais anos.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para iniciar a contextualização da temática em estudo, considera-se pertinente clarificar alguns conceitos relevantes, tais como amamentação e aleitamento materno (AM). Amamentação pode ser definida como “a forma de alimentar o bebé com leite produzido pela mama” (DGS, 2023), sendo considerado AM, quando a criança recebe leite materno, diretamente da mama ou extraído da mama da mãe (OMS, 2018). Deste modo, é perceptível que, apesar de diferentes, estes conceitos são frequentemente utilizados com significado semelhante.

A amamentação é um processo biológico, social e cultural, que tem por objetivos, não só proteger e nutrir a criança, mas também promover a vinculação entre a mãe e o bebé, trazendo inúmeros benefícios para ambos (Ribeiro & Pereira, 2021). Estes benefícios prolongam-se após o período de AM exclusivo, sendo que, quanto maior a sua frequência e duração, maiores serão os benefícios (Andrade et al., 2021). Aos benefícios conhecidos para mãe e bebé podem acrescentar-se outros como: económicos, ambientais e sociais, pois tal como referem Walters, et al., (2019) melhores taxas de amamentação, impactam positivamente no orçamento da saúde, convertendo custos em ganhos. Contudo, para o sucesso da amamentação são essenciais três fatores: a decisão de amamentar, o estabelecimento da lactação e o suporte da amamentação (Levy & Bértolo, 2012). A decisão de amamentar é influenciada por diversos fatores, pelo que quanto mais estímulos positivos face à amamentação existirem, mais sólida será a decisão da mulher de amamentar e mais elevada a satisfação face a esta prática. Da mesma forma, posições negativas ou apreensivas face à amamentação, contribuem para desencorajar a mulher (Silva et al., 2021). Deste modo, a intenção de amamentar concebida desde o pré-natal é um fator essencial para a duração do AM. Alguns estudos evidenciaram como fatores favorecedores da intenção de amamentar, a primiparidade, a maior idade, a escolaridade materna, a experiência prévia de amamentação, não ter hábitos tabágicos e coabitar com o companheiro (Fernandes & Hofelmann, 2020; Galvão & Silva, 2020). Outros autores acrescentam ainda a autodeterminação materna na motivação para amamentar (Sun et al., 2023). Relativamente ao estabelecimento da lactação são essenciais medidas como a promoção do contato pele-a-pele e da amamentação na 1ª hora de vida, as quais têm demonstrado a sua influência positiva no sucesso da amamentação ao longo dos anos (Araújo et al., 2021). Por outro lado, complicações como o ingurgitamento mamário, fissuras, mamilos doridos, má progressão ponderal do bebé e o cansaço emocional e físico da mãe, podem prejudicar o estabelecimento da lactação (Verga & Galvão, 2022). Por tudo isto, o suporte na amamentação é fundamental, tal como verificado por Galvão e Silva (2024), realçando a importância do apoio a longo prazo. Numa fase mais tardia, além das possíveis dificuldades na amamentação, crescem-se condicionantes relacionadas com a situação profissional da mulher como, tipo de trabalho, vínculo profissional, ambiente laboral, entre outros (Silva, 2021). Deste modo, ressalta-se a importância de compreender os aspetos motivacionais das mães para a amamentação, transmitindo os seus direitos, reforçando as suas competências e valorizando as suas experiências positivas, contribuindo para o prolongamento desta experiência (Sun et al., 2023). Neste sentido, os profissionais de saúde, concretamente o enfermeiro especialista em enfermagem de saúde materna e obstétrica (ESMO), pelas competências que lhe são atribuídas pela Ordem dos Enfermeiros (2019), detém um papel diferenciador no apoio e acompanhamento destas mulheres. Tal como descrito legalmente, este profissional “concebe, planeia, implementa e avalia intervenções de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno” (p. 13562), sendo estas competências transversais do pré ao pós-natal.

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

2. MÉTODOS

Foi desenvolvido um estudo quantitativo, exploratório e descritivo, procurando descrever um fenómeno ainda pouco estudado (Fortin, 2009). Este estudo teve o parecer favorável da Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Parecer n.º 846/02-2022). Todas as participantes consentiram a participação neste estudo.

2.1 Amostra

As participantes são mulheres que prolongaram a amamentação dos seus filhos por 2 ou mais anos, sendo a amostra do tipo não probabilística intencional (Fortin, 2009). Os critérios de inclusão são mães que se encontrem a amamentar ou que tenham amamentado por 2 ou mais anos. Excluíram-se mães de gémeos e mães de bebés com patologias associadas ou problemas desenvolvimentais.

2.2 Instrumentos de recolha de dados

O instrumento de colheita de dados foi um questionário desenvolvido com base na revisão da literatura efetuada, composto por 3 partes: caracterização sociodemográfica (idade, estado civil, constituição do agregado familiar, número de filhos, escolaridade, situação profissional e profissão); caracterização da experiência pessoal de amamentação (constituída por 4 questões gerais, onde se procurou conhecer a história e conhecimentos anteriores sobre amamentação; e 13 questões direcionadas para a experiência de amamentação mais prolongada, nomeadamente tipo de parto, realização de contacto pele-a-pele, etc, procurando conhecer os fatores que motivaram a suspensão da amamentação e quais os fatores reconhecidos como facilitadores na manutenção da mesma); e perceção pessoal das mães acerca da amamentação (valorização social atribuída à amamentação atualmente; referência a 2 ou 3 adjetivos que caracterizem a sua experiência pessoal de amamentação). Foi aplicado um pré-teste a 5 mães que reuniam os critérios de inclusão, de forma a verificar a compreensão do conteúdo do questionário. O instrumento de colheita de dados foi criado na plataforma Google Forms e difundido num grupo de mães do Facebook, no Instagram e através do WhatsApp. Foi previamente definido o período de receção de respostas, compreendido entre 1 de abril de 2022 a 31 de maio de 2022, por conveniências das investigadoras.

2.3 Análise estatística

Os dados obtidos foram analisados com recurso ao programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS; versão 24), usando estatística descritiva (frequências e percentagens).

3. RESULTADOS

A amostra é constituída por 294 mães (foram rececionados 361 questionários, tendo sido eliminados 67 por não estarem completamente preenchidos). A maioria das mães tem entre 30 e 39 anos de idade (77,2%), sendo que 53,7% eram casadas e 38,1% viviam em união de facto. Relativamente ao nível de escolaridade, 85,1% das mães detinham formação a nível superior (licenciatura, mestrado ou doutoramento). No que se refere ao número de filhos, mais de metade das mulheres tinham apenas 1 filho (51,0%), sendo também expressiva a amostra com 2 filhos (42,5%). Relativamente à situação profissional, a maioria das mães participantes era trabalhadora por conta de outrem (72,4%). No que se refere aos resultados relativos à caracterização da experiência pessoal de Amamentação, em particular ao incentivo do(a) companheiro(a) na amamentação, a maioria das participantes respondeu afirmativamente (89,1%). Relativamente a experiências de amamentação prolongada na família (irmãos, primos ou outros), apenas 25,5% tinha tido experiência familiar de amamentação prolongada. Por outro lado, quando questionadas acerca da experiência pessoal anterior de amamentação prolongada, ou seja, se amamentaram mais do que um filho por 2 ou mais anos, a maioria referiu ainda se encontrar a amamentar (51,0%), sendo para as restantes, equitativo o número de respostas “sim” e “não” (24,5%). Contudo, das 72 participantes que responderam “sim”, houve casos de experiência de amamentação prolongada em mais do que um filho, tendo sido possível identificar referência a um total de 89 experiências. No que diz respeito à fonte de conhecimentos das mães acerca da amamentação, foram referidas mais significativamente as redes sociais (65,6%), os programas de preparação para o parto (59,9%) e os motores de busca da Internet (ex. Google) (43,2%) (Cf. Tabela 1). Na opção “Outros” (33,3%), houve respostas marcadamente relacionadas com a sua formação profissional (licenciatura ou outros), o recurso a conselheiras de amamentação (CAM) ou profissionais com formação na área, a literatura (como livros ou artigos científicos), entre outros.

Tabela 1 - Fonte de conhecimentos sobre amamentação (n = 294)

Fonte de conhecimentos sobre amamentação	Frequência n (%)
Redes sociais	193 (65,6)
Programas de preparação para o parto	176 (59,9)
Motores de busca da Internet (ex. Google)	127 (43,2)
Grupo de amig@s/conhecid@s	97 (33,0)
Consultas de enfermagem	90 (30,6)
Consultas médicas	67 (22,8)
Outros	98 (33,3)

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

Relativamente aos fatores que consideram ter contribuído para manter a amamentação além dos 2 anos, as mães destacaram: “Conhecimento sobre os benefícios da amamentação” (95,6%), “Motivação pessoal da mãe” (91,5%) e “Apoio do(a) companheiro(a)” (59,5%) (Cf. Tabela 2). Na opção “Outro” (14,6%), as mães manifestaram fatores como, a vontade e satisfação do bebé em mamar, e ainda razões laborais como o desemprego e a pandemia covid-19. Acresce ainda que cada mãe referiu mais do que um fator facilitador para a manutenção da amamentação.

Tabela 2 - Fatores facilitadores da experiência de amamentação prolongada (n = 294)

Fatores	Frequência n (%)
Conhecimento sobre os benefícios da amamentação	281 (95,6)
Motivação pessoal da mãe	269 (91,5)
Apoio do(a) companheiro(a)	175 (59,5)
Introdução tardia (ou não introdução) de chupeta	90 (30,6)
Horário de amamentação	85 (28,9)
Introdução tardia (ou não introdução) de leite artificial	82 (27,9)
Apoio familiar	68 (23,1)
Duração da licença de parentalidade	59 (20,1)
Extração de leite materno	52 (17,7)
Apoio dos profissionais de saúde	49 (16,7)
Fatores económicos (amamentação = alimento económico)	44 (15,0)
Apoio social	9 (3,1)
Distância entre o local de trabalho e onde o bebé se encontrava	35 (11,9)
Apoio do superior hierárquico	13 (4,4)
Outro	43 (14,6)

Da amostra total, 151 mães ainda se encontravam a amamentar quando responderam ao questionário, enquanto 143 mães já tinham suspenso a amamentação. Para estas mães (143), os fatores que influenciaram a suspensão da amamentação mais referidos foram: “Cansaço” (32,2%), “Desejo de parar de amamentar” (30,8%), “Idade suficiente do bebé” (28,7%), “Nova gravidez” (23,1%) e “Recusa do bebé” (23,1%) (Cf. Tabela 3). Acresce ainda que cada mãe referiu mais do que um fator determinante para a suspensão da amamentação. A opção “Outro” foi referida por 18,9% das mães participantes, sendo maioritariamente associado ao desinteresse gradual da criança. Contudo, duas mães referiram ainda razões como: “Uso de chupeta e início da pandemia”, “Estar muito tempo longe do bebé” (Q295) e a “Não renovação do horário de amamentação por parte do pediatra (28 meses)” (Q320).

Tabela 3 - Fatores que influenciaram a suspensão da experiência de amamentação prolongada (n = 143)

Fatores	Frequência n (%)
Cansaço	46 (32,2)
Desejo de parar de amamentar	44 (30,8)
Idade suficiente do bebé	41 (28,7)
Recusa do bebé	33 (23,1)
Nova gravidez	33 (23,1)
Otimização do padrão de sono do bebé	24 (16,8)
Diminuição da quantidade de leite	13 (9,1)
Problemas de saúde da mãe	12 (8,4)
Falta de apoio social	7 (4,9)
Dinâmica familiar	7 (4,9)
Regresso ao trabalho	6 (4,2)
Falta de apoio dos profissionais de saúde	6 (4,2)
Falta de apoio familiar	5 (3,5)
Exposição pública no ato de amamentar	4 (2,8)
Autoimagem da mãe	3 (2,1)
Falta de intimidade do casal	1 (0,7)
Falta de tempo	1 (0,7)
Problemas de saúde do bebé	1 (0,7)
Outro	27 (18,9)

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

4. DISCUSSÃO

O envolvimento da mulher na sociedade tem evoluído ao longo do tempo com o desempenho de diversos papéis em setores como o social, económico e cultural. Se por um lado, esta participação promove a identidade feminina, por outro, acarreta implicações a nível familiar, em particular na maternidade. Exemplo disso são o adiamento da gravidez e a priorização da carreira profissional. (Agostinho & Frias, 2021).

No presente estudo verificou-se que a maioria das mães se encontrava entre os 30-39 anos de idade e possuíam habilitações literárias de nível superior, o que confirma que as mães mais velhas e com habilitações superiores amamentam os seus filhos até mais tarde (Han, et al., 2023).

O nível de escolaridade pode influenciar positiva ou negativamente o processo de amamentação. Por um lado, uma escolaridade mais elevada facilita a aquisição de conhecimentos no pré-natal, o que favorece a duração da amamentação. Por outro, pode influenciar o desmame com o regresso à atividade laboral (Paramashanti et al., 2023).

A participação do companheiro é cada vez mais efetiva no período gravídico-puerperal. Dados referentes ao uso da licença parental partilhada por parte dos homens, comprovam um aumento gradual entre 2015 e 2020, situando-se em 45,7% (CIG, 2023). Neste estudo, as mães afirmaram que a existência de um incentivo e apoio à amamentação por parte do(a) companheiro(a), foi um fator determinante na experiência de amamentação prolongada. Estes resultados permitem-nos constatar que o apoio do do(a) companheiro(a) é um fator protetor na manutenção da amamentação, tal como evidenciado noutras investigações (Andrade et al., 2021; Silva, 2021; Walters, et al., 2019).

As experiências de amamentação anterior, quer sejam pessoais ou familiares, foram igualmente consideradas determinantes neste processo. Relativamente à experiência familiar, os resultados deste estudo diferem dos obtidos por Martínez-Poblete e Ossa (2020). Contudo, no que diz respeito à experiência pessoal de amamentação prolongada, ficou corroborado que metade das mães múltiplas, amamentou mais do que um filho de forma prolongada. Outros estudos espelham resultados idênticos, permitindo atestar que uma ou mais experiências de amamentação prolongada anteriores é condição impulsionadora para a repetição desta prática (Fernandes & Hofelmann, 2020; Hong et al., 2023; Mendes et al., 2021).

A literatura mostra ainda que o apoio prestado pelas CAM, os cantinhos de amamentação, as linhas telefónicas ou grupos de apoio e os meios de comunicação social são também fatores influenciadores da manutenção da amamentação (Kohan et al., 2016). Esta ideia foi comprovada por Regan e Brown (2019) ao verificarem que mulheres que participaram num grupo de apoio ao AM online sentiram maior conforto e empatia, reduzindo os seus medos, comparativamente com a sua participação num grupo presencial. Deste modo, pode afirmar-se que os conhecimentos, o apoio do(a) companheiro(a), a experiência anterior de amamentação e a motivação para amamentar são fatores influenciadores para a manutenção da amamentação (Martínez-Poblete & Ossa, 2020; Paramashanti et al., 2023; Tawia et al., 2022). Por outro lado, as participantes deste estudo referiram o cansaço, a idade suficiente do bebé, o desejo de parar de amamentar, a recusa do bebé ou uma nova gravidez como fatores que contribuíram para a suspensão da amamentação, tal como verificado nos estudos de Kalil e Aguiar (2023), Silva (2021), e Silva et al. (2021).

Em conclusão, a evidência demonstra-nos que as mulheres percebem um maior encorajamento ao AM por parte dos profissionais de saúde, durante a gravidez e nos primeiros 6 meses do bebé. Contudo, referem que a partir desse momento existe uma diminuição no incentivo, o que pode conduzir ao desmame (Martínez-Poblete & Ossa, 2020).

O nosso estudo demonstrou que 59,9% das participantes adquiriu os seus conhecimentos sobre amamentação em sessões de preparação para o nascimento e 30,6% em consultas de enfermagem. Sendo estas sessões desenvolvidas autonomamente por enfermeiros especialistas em enfermagem de SMO, os resultados obtidos permitem constatar a importância destes profissionais na promoção do AM (Galvão & Silva, 2024).

Deste modo, e considerando os resultados obtidos, é essencial compreender que o apoio dos profissionais de saúde pode beneficiar o AM e influenciar a sua duração, constituindo-se como um fator protetor da amamentação (Moraes et al., 2020).

Este estudo apresentou algumas limitações, nomeadamente o tipo de seleção da amostra, o que impossibilita a generalização dos dados, e o facto de o questionário ter sido divulgado e preenchido online, não garantindo que as participantes estivessem em local isento de distrações ou interrupções, o que poderá justificar algumas respostas inconsistentes. Outra limitação prende-se com a possibilidade de confusão dos conceitos de amamentação e AM, por parte das participantes.

Salienta-se ainda, não só a carência de estudos sobre esta temática, mas também a inexistência de dados atualizados sobre a prevalência da amamentação em Portugal.

CONCLUSÃO

A amamentação é uma prática marcadamente influenciada por questões culturais, sociais e psicológicas, resultando o seu sucesso de fatores como a decisão de amamentar, o estabelecimento da lactação e o suporte na amamentação.

Neste estudo foram evidenciados como fatores facilitadores da manutenção da amamentação: os conhecimentos sobre os benefícios da amamentação e a motivação das mães, condições marcadamente desenvolvidas durante a assistência pré-natal, nas consultas e/ou nos programas de preparação para o nascimento e parentalidade. Face ao exposto, é importante reconhecer que, os

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

enfermeiros especialistas em enfermagem de SMO têm neste domínio um papel essencial, pela proximidade que têm com os casais nesta fase, empoderando-os para tomar decisões informadas e suportadas pela mais recente evidência científica.

Quanto aos fatores de suspensão foi possível perceber que, maioritariamente, o desmame ocorreu de forma natural e fisiológica. Contudo, algumas mães manifestaram a influência negativa dos profissionais de saúde, por aconselharem o desmame ou pela não renovação da licença de amamentação, demonstrando mais uma vez a importância do papel do enfermeiro especialista em enfermagem de SMO na proteção e promoção do AM.

Importa também refletir sobre o impacto da pandemia Covid-19 na amamentação, tendo sido possível constatar influências distintas para as mães. Se para algumas, a pandemia facilitou a experiência de amamentação prolongada (por se encontrarem em confinamento ou teletrabalho); para outras, impôs um afastamento dos filhos, com conseqüente desmame, evidenciando mais uma vez que a amamentação é influenciada por questões culturais e sociais, superando, muitas vezes, a intenção e motivação maternas. Este estudo permitiu-nos concluir que precisamos apostar em medidas favorecedoras da manutenção da amamentação, sendo para isso essencial conceber, planear e implementar intervenções de promoção, proteção e incentivo ao AM, tais como: promover o AM durante o período pré-natal; promover o contato pele-a-pele após o nascimento e a amamentação na 1ª hora de vida; manter atualizados os conhecimentos nesta área; fomentar a existência de cantinhos de amamentação ou grupos de apoio; integrar o(a) companheiro(a) nos cuidados favorecendo a sua adaptação à parentalidade; e investir na visita domiciliar após o parto.

Pensamos também que as políticas governamentais precisam ter uma atenção particular para esta etapa da vida da mulher, desenvolvendo ações que permitam melhorar os indicadores de amamentação, como é o caso do alargamento da licença parental e a criação de medidas mais facilitadoras para a mulher trabalhadora, que amamenta o seu filho até aos 2 ou mais anos.

Como sugestões futuras, propomos a concretização de mais estudos, procurando identificar outras variáveis influenciadoras da amamentação, concretamente desenvolvendo estudos de natureza qualitativa com relatos experienciais.

Em conclusão, apesar das limitações e dificuldades deste trabalho, ressalta-se a importância da sua realização pelo contributo dado à evidência científica produzida, procurando compreender um fenómeno pouco estudado até ao momento, e pela inquietação que o mesmo poderá produzir, incitando ao desenvolvimento de mais investigação neste domínio.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todas as mulheres que participaram no estudo.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceptualização, S.S. e J.C.; tratamento de dados, S.S. e J.C.; análise formal S.S., A.P. e J.C.; investigação, S.S., A.P. e J.P.; metodologia S.S. e J.C.; supervisão, J.C.; validação, A.P. e J.C.; visualização S.S., A.P. e J.C.; redação – preparação do rascunho original, S.S. e J.C.; redação – revisão e edição, S.S., A.P. e J.C.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não existir conflitos de interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostinho, C., & Frias, A. (2021). Duas Dádivas E Um Dilema: Amamentação Durante a Gravidez. *A Obra Prima: A Arte de Cuidar No Início Da Vida*, 1, 15–30. <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/211106664.pdf>
- Andrade, L., Heringer, K., Andrade, M., Blanc, H., Almeida, T., & Carneiro, M. (2021). Amamentação: relato de experiência sobre projeto de extensão. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(2), 3989–4004. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-002>
- Araújo, K., Santos, C., Caminha, M., Silva, S., Pereira, J., & Filho, M. (2021). Contato pele a pele e amamentação na primeira hora de vida: um estudo transversal. *Texto e Contexto Enfermagem*, 30, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0621>
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2023). Conciliação entre a vida profissional pessoal e familiar. *Boletim estatístico 2023*, 104-111. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/11/BE2023conciliacao.pdf>
- Cortés-Rúa, L., & Díaz-Grávalos, G. (2019). Interrupción temprana de la lactancia materna. Un estudio cualitativo. *Enfermería Clínica*, 29 (4), 207-215. <https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2018.11.003>
- Direção-Geral da Saúde (2023). *Amamentação*. <https://www.sns24.gov.pt/tema/saude-da-mulher/amamentacao/#>
- Fernandes, R., & Hofelmann, D. (2020). Intenção de amamentar entre gestantes: associação com trabalho, fumo e experiência prévia de amamentação. *Ciencia e Saude Coletiva*, 25(3), 1061–1072. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.27922017>
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e Etapas do processo de investigação*. Lusodidacta.

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0216e.37086>

- Galvão, D., & Silva, E. (2020). Breastfeeding and COVID-19: contributions to safe practices. *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, 2(5e), 161–168. <https://doi.org/10.29352/mill0205e.16.00329>
- Galvão, D., & Silva, E. (2024). O papel do enfermeiro na promoção do aleitamento materno: revisão integrativa. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 7(1), 1-12. <https://doi.org/10.37914/riis.v7i1.354>
- Han, F., Ho, Y., & McGrath, J. (2023). The influence of breastfeeding behavior of postpartum women and their spouses. *Heliyon*, 9(3), 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2023.e13987>
- Hong, J., Chang, J., & Oh, S. (2023). The Current Status of Prolonged Breastfeeding and Its Related Factors in Korean Infants and Their Mothers: A Nationwide Cross-Sectional Study. *Journal of Korean Medical Science*, 38(33), 1-14. <https://doi.org/10.3346/jkms.2023.38.e261>
- Kalil, I., & Aguiar, A. (2023). A boa mãe lactante: percepções maternas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 33, 1-19. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333090>
- Kohan, S., Heidari, Z., & Keshvari, M. (2016). Facilitators for empowering women in breastfeeding: A qualitative study. *International Journal of Pediatrics*, 4(1), 1287-96. <https://doi.org/10.22038/ijp.2016.6376>
- Levy, L., & Bértolo, H. (2012). *Manual de Aleitamento Materno*. Comité Português para a UNICEF & Comissão Nacional Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebés. <https://www.unicef.pt/media/1581/6-manual-do-aleitamento-materno.pdf>
- Martínez-Poblete, G., & Ossa, X. (2020). Motivações para o prolongamento da amamentação. *Acta Paulista de Enfermagem*, 33, 1–8. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020A00112>
- Mendes, M., Schorn, M., Santo, L., Oliveira, L., & Giugliani, E. (2021). Fatores associados à continuidade do aleitamento materno por 12 meses ou mais em mulheres trabalhadoras de um hospital geral. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(11), 5851–5860. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.12882020>
- Moraes, I., Sena, N., Oliveira, H., Albuquerque, F., Rolim, K., Fernandes, H., & Silva, N. (2020). Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. *Revista de Enfermagem Referência*, 2, 1–13. <https://doi.org/10.12707/RIV19065>
- Ordem dos Enfermeiros (2019). Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica. *Diário Da República*, 2ª Série, n.º 85, 13560-13565. <https://www.ordemenfermeiros.pt/media/11870/1356013565.pdf>
- Paramashanti, B., Dibley, M., Huda, T., Prabandari, Y., & Alam, N. (2023). Factors influencing breastfeeding continuation and formula feeding beyond six months in rural and urban households in Indonesia: a qualitative investigation. *International Breastfeeding Journal*, 18(48), 1-12. <https://doi.org/10.1186/s13006-023-00586-w>
- Regan, S., & Brown, A. (2019). Experiences of online breastfeeding support: support and reassurance versus judgement and misinformation. *Maternal & Child Nutrition*, 1-12. <https://doi.org/10.1111/mcn.12874>
- Ribeiro, J., & Pereira, S. (2021). Benefícios a longo prazo na saúde da mulher promovidos pelo aleitamento materno: uma revisão narrativa. https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1774/1/artigoTCC_II_juscelene-revisado-FINAL.pdf
- Rito, A., Mendes, S., Figueira, S., Faria, M. do C., Carvalho, R., Santos, T., Cardoso, S., Feliciano, E., Silvério, R., Sancho, T. S., Dinis, A., & Rascôa, C. (2022). *Childhood Obesity Surveillance Initiative: COSI Portugal 2022*. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. <https://repositorio.insa.pt/handle/10400.18/8630>
- Silva, D. (2021). O aleitamento materno em mulheres trabalhadoras: contributos para a intervenção do enfermeiro de família. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/32141>
- Silva, E., Rodrigues, C., Ferreira, C., Silva, D., & Galvão, D. (2021). Experiências intergeracionais de mães e filhas com a amamentação. *Egitania Ciencia*, 28, 173–186. <https://doi.org/10.46691/es.v1i28421>
- Sun, Y., Zhu, L., Gao, Y., & Mu, S. (2023). Status and influencing factors of breastfeeding motivation for primiparas. *Research Square*. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-3292466/v1>
- Tawia, S., Bailey, C., McGuire, S., & James, J. (2022). What modifiable factors improve breastfeeding exclusivity and duration in Australian women. *Women & Birth*, 35(1). <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2022.07.053>
- Verga, V., & Galvão, D. (2022). Atitudes maternas face à amamentação e satisfação com o suporte social. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 5(2), 85-95. <https://doi.org/10.37914/riis.v5i2.181>
- Walters, D., Phan, L., & Mathisen, R. (2019). The cost of not breastfeeding global results from a new tool. *Health Policy and Planning*, 34, 407-417. <https://doi.org/10.1093/heapol/czz050>
- World Health Organization (2018a). Breastfeeding. <https://www.who.int/news-room/facts-in-pictures/detail/breastfeeding>
- World Health Organization (2018b). Protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services: the revised BABY-FRIENDLY HOSPITAL INITIATIVE. <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/272943/9789241513807-eng.pdf?ua=1>